

A Voz Nordestina em Cena: vivências na preparação vocal com Marcadores de Quadrilha Junina em João Pessoa (PB)

Elthon Gomes Fernandes da Silva ⁱ

Leneeton de Oliveira Silva ⁱⁱ

Mardeen Henrique de Souza Dantas ⁱⁱⁱ

Miguel dos Santos Ferreira ^{iv}

Universidade Federal da Paraíba - UFPB, João Pessoa/PB, Brasil ^v

Resumo - A Voz Nordestina em Cena: vivências na preparação vocal com Marcadores de Quadrilha Junina em João Pessoa (PB)

Ao assistir uma apresentação de quadrilha junina, podemos observar um personagem executando uma espécie de narração, sendo alguns comandos como o “balancê”, “olha a chuva!”, “anavantur”. Essas expressões são ditas por um dos principais personagens desse universo junino, o marcador de quadrilhas juninas. Podemos dizer que a principal função do marcador é liderar um grupo de brincantes/quadrilheiros usando como ponto disparador de energia o poder de sua voz. O presente artigo descreve estratégias de preparação vocal de marcadores de quadrilhas juninas na cidade de João Pessoa (PB).

Palavras-chave: Pedagogias da Voz. Preparação Vocal. Festas Populares. Quadrilha Junina. Marcadores de Quadrilha Junina.

Abstract - The Northeastern Voice on the Scene: experiences in the vocal preparation with Markers of the June Quadrille in João Pessoa (PB)

When watching a dance performance in june quadrilles, we can observe a character performing a kind of narration, with some commands such as “balancê”, “look, the rain!”, “Anavantur”. These expressions are said by one of the main characters of this june universe, the june quadrilles marker. We can say that the main function of the marker is to lead a group of players using the power of their voice as the trigger point of energy. This article describes vocal preparation strategies for june quadrilles markers in the city of João Pessoa (PB).

Keywords: Pedagogies of Voice. Vocal Preparation. Popular Festivals. June Quadrilles. June Quadrilles Markers.

Resumen - La voz del noreste en escena: experiencias de preparación vocal con marcadores del grupo de danza Cuadrilha junina en João Pessoa (PB)

Al ver una presentación de un grupo de danza Cuadrilha junina, podemos observar a un personaje realizando una especie de narración, con algunos comandos como “balancê”, “¡mira la lluvia!”, “Anavantur”. Estas expresiones las dice uno de los personajes principales de este universo de junio, el marcador del grupo de danza Cuadrilha junina. Podemos decir que la función principal del marcador es liderar a un grupo de jugadores utilizando el poder de su voz como punto de activación de la energía. Este artículo describe las estrategias de preparación vocal para los marcadores del grupos de danza cuadrilha junina en la ciudad de João Pessoa (PB).

Palabras clave: Pedagogías de la voz. Preparación vocal. Fiestas populares. Cuadrilha Junina. Marcadores de Cuadrilha Junina.

Vai começar a brincadeira e nessa dança eu quero entrar¹

A quadrilha junina é uma dança típica das festas juninas brasileiras, também reconhecida como uma das principais manifestações da cultura popular no Brasil. Em João Pessoa, tornou-se patrimônio imaterial em novembro de 2017, de acordo com a Lei Municipal nº 13.480/2017. Santos (2018) comenta que estar em condição de patrimônio imaterial indica um compromisso do poder público em preservar e cuidar da manutenção dessa manifestação cultural.

Essa festa pode ser considerada a principal da Região Nordeste do país, sendo composta por vários elementos, apresentando características bastante regionais presentes na culinária, na música, nas vestimentas, na decoração e nas danças, sendo a quadrilha junina considerada a principal e, portanto, o objeto de estudo desta pesquisa. A origem da quadrilha junina remete a tempos passados, desde quando a *quadrille* surgiu em Paris, no século XVIII, como uma dança de salão composta por quatro casais. Era dançada pela elite europeia e veio para o Brasil durante o período da Regência, por volta de 1830, sendo praticada pela corte carioca. A quadrilha se popularizou pelo Brasil ao longo do século XIX e se fundiu com outras manifestações brasileiras. A partir daí, diversas evoluções foram sendo incorporadas à quadrilha, entre elas o aumento do número de pares dançantes e o abandono de passos e ritmos franceses. As músicas de forró e o casamento matuto também foram novidades incorporadas ao longo dos anos (Ramos, 2013).

Ao assistir uma apresentação de quadrilha junina, podemos observar um personagem executando uma espécie de narração, sendo o “balancê”, “olha a chuva!”, “anavantur”, alguns dos comandos. Essas expressões são ditas por um dos principais personagens desse universo junino: o marcador de quadrilhas juninas.

Os marcadores, em geral, têm a função de conduzir as coreografias da quadrilha. Em parceria com os coreógrafos, estudam as melhores propostas coreográficas e a relação dela com os quadrilheiros. Auxilia também na escolha do repertório musical junto com o trio pé de serra ou banda junina, pois cada música influencia em seu roteiro de animação. Em algumas

¹ O tópico que abre esta sessão do artigo trata-se da estrofe da música “Festa do Balão”, uma composição de Ferreira Filho. Sugerimos que, antes da leitura deste manuscrito, aconteça uma experiência de escuta desta música presente em apresentações de inúmeras quadrilhas juninas do Nordeste. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QFjyrcX4CJw>.

quadrilhas eles representam personagens (são chamados de “marcador-personagem”), dançam juntamente com os quadrilheiros e interagem com o público.

Na Paraíba, Flores (2020) comenta que o coronel (antigo nome do marcador) definia anualmente a estética visual de figurinos, tema de apresentação da quadrilha, marcava e ensaiava passos, entre outros elementos criativos da apresentação. Ao passar do tempo, esse poder de coronel fica compartilhado entre figurinistas, direção artística e coreógrafos(as), por exemplo. A mudança do nome coronel para marcador fica mais estabelecida à medida que evolui o modo de realização da quadrilha junina (Flores, 2020). Um bom marcador é um grande líder, que em sua voz traz a responsabilidade de animar e contribuir na energia cênica da sua quadrilha junina. Podemos dizer que a principal função do marcador é liderar um grupo de brincantes/quadrilheiros usando como ponto disparador de energia o poder de sua voz.

A cada ano, as regras dos concursos juninos em vários estados brasileiros vão sofrendo modificações, no entanto, o marcador continua sendo um dos principais quesitos avaliados durante a apresentação do espetáculo. Sua desenvoltura cênica, de acordo com a temática de apresentação da quadrilha, é julgada. Avalia-se sua clareza vocal/dicção (termo geralmente usado nos estatutos que direcionam avaliação de jurados); a maneira que conduz seus brincantes; seu carisma com o público; e a sintonia entre comandos e a realização deles na coreografia.

A alta demanda de uso da voz dos marcadores de quadrilha, observada nas apresentações do festival FUNJOPE no período de 2015 a 2018, trouxe ao pesquisador e preparador vocal do presente estudo curiosidades sobre quais seriam os hábitos de saúde e bem estar vocal, além da preparação de voz e movimento na época de ensaios.

Um olhar especializado nessa área faz perceber, quando comparados os momentos de início e fim da apresentação do marcador, uma qualidade vocal prejudicada com sinais de rouquidão, imprecisão articulatória de fonemas da fala e perda de projeção da voz ao final da performance.

A ideia surgiu ainda durante a graduação em Fonoaudiologia de um dos autores do trabalho. Depois, foi retomada, ao observar apresentações de quadrilhas no festival FUNJOPE - o mais importante para o movimento de artistas juninos na cidade de João Pessoa - PB - e ouvir relatos de estudantes do Teatro e Dança da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

comentando sobre vivências pessoais como quadrilheiros(as). Em 2019, após conversa com um desses estudantes, o curso de extensão - com ênfase em voz - voltado à formação artística de marcadores de quadrilha junina se concretizou, mediante ajuda de coautores deste trabalho.

O estímulo de um coautor deste estudo foi trazer informações sobre os bastidores de uma quadrilha junina, especificamente sobre a figura do marcador. À medida que se traziam fatos sobre ensaios e apresentações, revelava-se a urgência de olhar este profissional da voz no contexto junino paraibano.

Desse modo, no período de abril a junho de 2019, o curso buscou contribuir com a atuação dos marcadores trazendo informações sobre cuidados com a voz, promovendo assim espaço para o olhar direcionado e o treinamento de uma performance vocal específica.

Trata-se de uma abordagem não falada na literatura especializada em voz (na área de Artes da Cena e também da Fonoaudiologia), e de acordo com relatos dos marcadores que participaram do curso, que mantêm contato com seus colegas de outros estados, é também inédita no Nordeste.

O objetivo deste trabalho é descrever uma experiência como ministrante do curso de extensão “Experimentações em voz, cena e expressividade para marcadores de quadrilha junina”.

Vai ser a festa, vai todo mundo dançar²

Inicialmente, no mês de março de 2019, foi realizada divulgação do curso de extensão nas redes sociais (*Whatsapp* e *Instagram*). Um fato importante é que grande número de estudantes do Departamento de Artes Cênicas fazem parte do universo junino, seja exercendo alguma função na quadrilha ou ainda mantendo contato com pessoas envolvidas em seu círculo de amizade. Desse modo, houve facilidade no acesso às formas de inscrição do curso e na consequente chegada de marcadores interessados.

O curso foi registrado como ação extensionista pelo Edital n° 02/2019 - FLUEX 2019 da UFPB. Foi realizado de abril a junho de 2019, em uma sala no prédio “Abacatão” do

² O tópico que abre esta sessão do artigo trata-se de estrofe da música “Festa do Balão”, uma composição de Ferreira Filho.

Departamento de Artes Cênicas da UFPB, durante o turno da noite, com tempo médio de 3 horas e meia a cada encontro. O trabalho foi realizado em sala ampla, com tablado de madeira, permitindo assim maiores possibilidades de atividade corporal.

A equipe de planejamento pedagógico contou com um professor do Departamento de Artes Cênicas da UFPB (com formação em Fonoaudiologia e também nas áreas de preparação vocal e ensino da voz falada e cantada para as Artes Cênicas), além de três discentes dos cursos de Licenciatura e de Bacharelado em Teatro - como monitores - que possuem vasta trajetória nas festividades juninas da cidade de João Pessoa (PB), atuando em funções diferentes durante a preparação de espetáculo das quadrilhas por onde passaram.

No dia de abertura do curso, estiveram presentes marcadores das seguintes quadrilhas de João Pessoa (PB): Flor do Mandacaru, Lageiro Seco, Pindura Saia, Sanfona Branca e Xamego Arretado. Um detalhe importante, e muito considerado em João Pessoa, são os bairros onde estão sediadas essas quadrilhas. Respectivamente, elas representam os bairros de Mandacaru, Roger, Torre, Bancários e Ilha do Bispo.

Existe no município um grande número de quadrilhas e organizar aqui as informações por bairros, além de situar a agremiação na geografia da cidade, também permite observar o quanto brincantes são conscientes de seu lugar social ao participar da festividade junina. Apresentar-se num festival em João Pessoa é também levar o nome de seu bairro a um evento que atualmente se configura como o maior espaço - talvez o único - de grande visibilidade artística, patrocinado pelo governo municipal, destinado a fazedores de cultura popular da cidade.

Também recebemos marcador e representante de quadrilhas de outras cidades: Ação Nordestina (Pilar - PB), Flor de Macambira (Cabedelo - PB) e Mocidade Junina (Distrito de Várzea Nova, na cidade de Santa Rita - PB).

No momento de boas-vindas, houve a apresentação da proposta do curso, do histórico do ministrante e de sua relação com o universo junino, bem como de sua equipe. Em seguida, cada integrante comentou sobre o tempo de experiência enquanto quadrilheiro, enquanto marcador e executando outras funções que envolvem o fazer artístico e de produção numa quadrilha junina.

Além de informações obtidas durante conversa, foi entregue um questionário de autoanálise da voz do Clínico de Fonoaudiologia da PUC-Minas, apresentado na pesquisa de

Miranda, Ladeira, Gouvêia e Costa (2012). O questionário foi escolhido por apresentar perguntas de fácil compreensão e abordava as dimensões de saúde geral, saúde vocal, autoimagem da voz e uso da comunicação em contexto social.

Falei aos marcadores que, na condição de público e de pessoa que trabalha com preparação vocal, assisti às apresentações do festival de quadrilha junina em João Pessoa, nos anos anteriores, com o olhar mais direcionado ao modo como essa voz se comportava na cena. Citei, então, alguns exemplos do que mais observava: a coordenação entre respiração e fala, intensidade de voz, articulação das palavras, habilidade de criação sonora da voz, relação entre palavra proferida e gestualidade utilizada na apresentação.

Na fisiologia da voz, estruturas ósseas e musculares se interligam para formar um sistema de produção da fala. Em abordagem apresentada por Ortiz (2010), voltada ao trabalho com pessoas que apresentam dificuldade de verbalizar devido a comprometimento orgânico, a lógica de proposição de técnicas possui bases motoras. A autora apresenta como base motora as funções corporais resultantes da integridade do sistema musculoesquelético: respiração, fonação, articulação, ressonância e prosódia. Nessa perspectiva, as cinco bases motoras, quando bem realizadas, indicam ótimo desempenho de estruturas corporais relacionadas à produção de sonoridade para comunicação verbal.

O raciocínio técnico para seleção de exercícios vocais já existentes em literatura especializada, juntando a possibilidade de relacioná-lo ao trabalho de preparação da voz para a cena, teve embasamento teórico na abordagem das bases motoras de Ortiz (2010) e dos recursos vocais para ação vocal apresentados com Gayotto (2002).

A partir da leitura sobre a obra de Gayotto (2002), ação vocal pode ser entendida com um somatório de recursos vocais - primários e resultantes - mobilizados, para que essa voz esteja de acordo com o contexto da cena e propósito da personagem. Uma emissão vocal que está em harmonia com a proposta cênica e contém elementos psíquicos, culturais, situacionais e corporais.

De acordo com a autora, recursos vocais primários são aqueles que se manifestam por condições anatomofisiológicas - respiração, intensidade, frequência, ressonância e articulação -, as quais geram recursos vocais, chamados de resultantes, que se revelam como características sonoras originadas por ligação de dois ou mais recursos primários. São

chamados de recursos vocais resultantes: projeção, volume, ritmo, velocidade, cadência, duração, pausa e ênfase.

Estes recursos, quando treinados, permitem trazer à palavra da cena modos de verbalização muitas vezes diferentes daquilo que observaríamos no dia a dia do indivíduo.

No trabalho, foram inclusas referências básicas na área de jogos teatrais, a exemplo de Spolin (2007), Koudela (2009) e Boal (2011), as quais foram consultadas, adaptadas e somadas a outros materiais que tratavam de técnicas tradicionalmente utilizadas para abordagem clínica da voz. Assim, os exercícios vocais foram consultados e adaptados ao contexto artístico e de saúde vocal necessário para o uso da voz cênica durante uma apresentação de marcador de quadrilha. Destaco também a existência de criação de novas atividades não listadas em materiais publicados sobre preparação vocal, utilizando a compreensão sobre as bases motoras, recursos vocais - primários e resultantes -, jogos teatrais e técnicas vocais para realização do trabalho de voz e movimento dos marcadores.

Desse modo, também influenciaram no treinamento vocal conceitos e técnicas presentes nas seguintes referências: Beuttenmüller (1995); Behlau (2001); Brandi (2002); Gayotto (2002); Martins (2004); Aleixo (2007); Martins (2008); Davini (2008); Ortiz (2010); Schafer (2011); Silva, Costa e Ferreira (2016).

Na minha quadrilha só tem gente que brilha³

Preparação para entrada

Antes de qualquer descrição a respeito das aulas do curso, trazemos comentário sobre o ineditismo dessa proposta na Paraíba. Se o desejo de trabalhar neste campo artístico surgiu ainda por volta de 2005, para colocar em prática em 2019 era preciso fazer pesquisas a respeito do tema. Somente encontrei notícias sobre este tipo de ação em Belém (PA), no ano de 2015 (G1 Pará, 2005). No entanto, publicações a respeito de metodologia em preparação vocal voltada a marcadores de quadrilha junina no Norte e Nordeste (regiões onde esse tipo de manifestação artística popular tem destaque), não foram encontradas até a finalização do

³ O tópico que abre esta sessão do artigo trata-se de estrofe da música “Festrilha”, originalmente lançada na voz do intérprete Alcimar Monteiro. Sugerimos uma experiência de escuta desta música presente em apresentações de inúmeras quadrilhas juninas do Nordeste. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VXFLv_7nTK0.

curso em junho de 2019. Sobre a Paraíba, podemos afirmar que um curso voltado a esse público não havia ocorrido até aquele ano.

Em segundo lugar, apresento uma observação resultante dos anos assistindo o Festival FUNJOPE de Quadrilhas Juninas de João Pessoa (PB), dos contatos que fiz com os marcadores interessados durante a divulgação do curso e do que observei no primeiro dia de encontro: não houve inscrição de marcadora de quadrilha junina. Sobre esse fato, eu pude obter mais informações já no primeiro dia, quando os participantes comentaram que é muito difícil encontrar quadrilhas com mulheres na marcação. Citaram alguns exemplos de anos anteriores, com marcadoras em João Pessoa e em cidades do interior da Paraíba, mas comentaram que ainda é muito escassa a presença de mulheres marcando as quadrilhas, quando observado o contexto junino na Paraíba. Trago esta reflexão por sentir necessidade de, no futuro, olhar fatores que possam estar colaborando para esta ausência de oportunidades (invisibilização) para vozes femininas (das mulheres cis ou transgêneros) como marcadoras.

E, por fim, ressalto que a presente descrição sobre a experiência em realizar atividade pedagógica em preparação vocal tem o caminho de apresentar a leitores um panorama sobre a trajetória vivida em três meses de atividades que envolveram aulas teórico-práticas, visitas a ensaios de quadrilha junina e observação dos marcadores em espetáculo cênico - a apresentação da quadrilha junina no festival em João Pessoa - PB.

Este trabalho descreve impressões acerca de uma primeira experiência de curso realizado na Paraíba, voltada à formação artística - na área de voz - para marcadores de quadrilha. Futuras publicações serão necessárias para esmiuçar técnicas vocais adaptadas ao contexto desses profissionais da voz, relações sonoras-gestuais pensadas para o âmbito cênico da quadrilha, estudos de caso envolvendo quadrilha junina, entre outras propostas de publicação importantes para estimular debates sobre esta abordagem de trabalho vocal.

Passadas as devidas informações sobre a proposta do curso e as apresentações dos integrantes, houve conversa sobre o foco do primeiro encontro: as condições vocais dos marcadores. Suas experiências com a voz na quadrilha junina, impressões sobre a própria voz, cuidados vocais em ensaios e em fases de apresentação nos festivais da Paraíba, queixas vocais e se realizavam outras atividades com uso da voz - fora o ofício de marcador junino.

O grupo se mostrou heterogêneo, com marcadores estreadores, outros com período de carreira entre 5 e 10 anos, outros com mais de 20 anos de trajetória em quadrilha junina, mas que se tornaram marcadores há pouco mais de 10 anos.

Ainda houve a presença do diretor artístico da Mocidade Junina e do coreógrafo da Flor de Macambira. Ambos decidiram se inscrever no curso pois a constante relação estabelecida durante as aulas permitiria entender um pouco como os marcadores refletem sua função no movimento junino e como atuam neste ofício. Em se tratando da Flor de Macambira, a presença do coreógrafo em atividade de voz e movimento no curso também tinha a intenção de suprir uma demanda emergencial porque, faltando pouco mais de dois meses para apresentação em festivais do estado, não havia marcador em sua quadrilha de origem. No mês de abril, o trabalho nas quadrilhas começa a ficar mais intenso. Em quadrilhas de grande porte e que estão sempre presentes nos festivais, os ensaios iniciam no 2º semestre do ano anterior (bem antes das festas de final de ano) e se tornam mais constantes e com maior duração (chegando a um tempo total de 4 a 5 horas) nos meses de abril, maio e junho.

Abertura

O primeiro encontro com o grupo tinha o objetivo de colher informações a respeito de saúde geral, saúde vocal, autoimagem da voz, uso da comunicação em contexto social e atividades com uso da voz, além da marcação de quadrilha. A saúde da voz foi o primeiro eixo norteador do discurso do ministrante na primeira metade das oficinas.

Tal decisão ocorreu por conta da grande quantidade de dúvidas sobre o que fazer para manter a voz saudável e falar melhor durante ensaio e apresentação. Ressaltamos que apenas duas pessoas da turma tinham passagem pelas Artes Cênicas fora do contexto junino, uma delas teve em sua formação universitária no Bacharelado em Teatro a oportunidade de cumprir disciplinas e ter preparação vocal em espetáculo. Outro integrante teve algumas sessões de terapia vocal com fonoaudióloga, nas quais o objetivo era tratamento de uma alteração funcional da voz (rouquidão constante), não sendo o foco do trabalho no corpo em cena. O restante do grupo não possuía na trajetória artística contato com preparação vocal, aulas de canto, ou atividades relacionadas ao treino da voz em âmbito artístico.

Em conversa com os monitores do curso, que também exerceram atividade de assessoria, trazendo dados relacionados ao fazer artístico na cena junina em João Pessoa (PB),

esses achados de primeiro encontro foram compartilhados e reforçou-se a hipótese dos monitores de que a falta de auto percepção dos marcadores sobre hábitos que promovem o bem estar vocal teriam ligação com a falta de acesso a informações sobre este tema. A hipótese foi elaborada ainda na fase de escrita da proposta pedagógica do curso, pois os monitores convivem no circuito junino da cidade - se apresentando, assistindo concursos, apoiando pessoas amigas, entre outras funções - há mais de dez anos. A experiência na condição de estudiosos, público, artistas e/ou área técnica em quadrilha junina, levou os monitores a pensarem sobre quais contextos encontraríamos e quais abordagens deveríamos planejar para as aulas.

Ainda no primeiro dia de curso, houve explanação sobre as estruturas corporais e suas dinâmicas de funcionamento na produção de sonoridade pelo aparelho vocal, indicação de hábitos saudáveis para voz e sinalização dos hábitos que trazem prejuízos (Pinho, 1998a; Pinho, 1998b; Behlau, 2001; Behlau, 2005; Fantini 2010). Algumas dúvidas foram comentadas pelo grupo e sua constante surpresa sobre atitudes simples que poderiam ajudá-los em fase de ensaio e apresentações, só corroborava com as hipóteses levantadas pelos monitores. As atitudes na promoção de saúde e bem estar vocal, por exemplo, eram ligadas à hidratação, cuidados na alimentação, treinamento de respiração, à existência de aquecimento e desaquecimento vocal, entre outros.

Como proposta de continuidade dessa temática que deveria permear todos os encontros, os marcadores foram avisados que várias postagens seriam enviadas, via rede social, no período de intervalo semanal entre as aulas, com intuito de reforçar explicações sobre saúde e bem estar vocal. Assim, o lembrete poderia ajudar o grupo a incluir na rotina de ensaios comportamentos de cuidados com a voz. Essas orientações estavam baseadas nas publicações da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia - SBFa, 2019.

Ao final do encontro, foram praticados exercícios respiratórios iniciais, utilizando sopro e sons fricativos, voltados ao controle de saída do ar e treino de intensidade, além de exercício visando equilíbrio de ressonância no trato vocal. Houve indicação de realizá-los em momento prévio ao ensaio de sua respectiva quadrilha junina (aquecimento vocal) e também após o fim do ensaio (desaquecimento vocal). Estas orientações técnicas em voz - exercícios e momentos de realização - foram embasadas nas indicações de Pinho (1998a) e Behlau (2005).



AQUECIMENTO VOCAL

- É preciso fazer aquecimento vocal antes de ensaios e apresentações?

Sim! Porque o aquecimento vocal ajuda a preparar respiração, movimento corporal e emissão da voz para melhor desempenho do marcador de quadrilha. A média de tempo é de 5 a 10 minutos. Devem ser feitos os melhores exercícios que você percebeu que ajudam a sua voz, quando estávamos nos encontros do curso.

O aquecimento vocal permitirá você usar a voz com máximo rendimento e mínimo esforço. Não é para gerar dor ou cansaço e sim uma voz mais “limpa” e projetada. Em caso de longo período de uso da voz, como é o caso de um dia de ensaio, o aquecimento pode ser feito mais uma vez após o intervalo.

Material adaptado de:

Comitê de voz da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia (SBFa). Respostas para perguntas frequentes na área de voz profissional. Disponível em: <https://www.sbfa.org.br/portal2017/themes/2017/faqs/faq_voz_profissional.pdf>. Acesso em 19 abr 2019.

Prof. Elthon Fernandes

Área de voz do Departamento de Artes Cênicas da UFPB

Curso: “Experimentações em voz, cena e expressividade para marcadores de quadrilha junina”.

UFPB, abril a junho de 2019.



Figura 1: Postagem sobre cuidados com a voz - aquecimento vocal - enviada aos marcadores por rede social.



DESAQUECIMENTO VOCAL

- É preciso fazer exercício de desaquecimento vocal depois de ensaios e apresentações?

Sim! O desaquecimento vocal permite a voz e o corpo voltarem ao modo que estavam antes do momento de ensaio e apresentação. O ideal é não haver cansaço ou rouquidão ao final de cada ensaio ou apresentação, mas caso aconteçam esses e outros sinais que revelam mal uso da voz, eles também podem ser minimizados com o desaquecimento.

E aí, consegue lembrar dos exercícios de desaquecimento que já fizemos no dia do nosso curso?

Material adaptado de:

Comitê de voz da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia (SBFa). Respostas para perguntas frequentes na área de voz profissional. Disponível em: <https://www.sbfafono.org.br/portal2017/themes/2017/faqs/faq_voz_profissional.pdf>. Acesso em 19 abr 2019.

Prof. Elthon Fernandes

Área de voz do Departamento de Artes Cênicas da UFPB

Curso: "Experimentações em voz, cena e expressividade para marcadores de quadrilha junina".

UFPB, abril a junho de 2019.



Figura 2: Postagem sobre cuidados com a voz - desaquecimento vocal - enviada aos marcadores por rede social.



FIGURINO

- O figurino que usarei nas apresentações interfere na minha voz?

Claro! Roupas e adereços influenciam positivamente ou podem prejudicar a emissão da voz. Fala-se muito de evitar roupas e adereços apertados na região do pescoço e da cintura para não criar tensões na laringe (onde ficam as pregas vocais) e diafragma.

Entretanto, se vestir desde a fase de ensaios com elementos do figurino (ex: sapato e peças de roupa parecidas com a que vai ser usada nas apresentações), já permitem adaptar postura, movimentação corporal, caminhada e respiração necessárias para boa emissão da voz durante a apresentação da quadrilha.

Material adaptado de:
Comitê de voz da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia (SBFA). Respostas para perguntas frequentes na área da voz profissional. Disponível em: <https://www.sbfa.org.br/portal2017/themes/2017/faq/faq_voz_profissio nal.pdf>. Acesso em 19 abr 2019.

Prof. Elthon Fernandes
Área de voz do Departamento de Artes Cênicas da UFPB
Curso: "Experimentações em voz, cena e expressividade para marcadores de quadrilha junina".
UFPB, abril a junho de 2019.



Figura 3: Postagem sobre cuidados com a voz - figurino - enviada aos marcadores por rede social.

“Anavantur”, “Anarriê”

No encontro seguinte, com a temática da respiração, o trabalho teve enfoque na percepção do próprio corpo, visando entender o mecanismo de anatomia e fisiologia da respiração - houve uso de imagens para facilitar a apreensão visual do assunto -, e posteriormente facilitar os marcadores a relacionarem o modo de praticar os exercícios a partir de uma autoimagem corporal. Cabe destaque ao jogo de ritmo e movimento (Boal, 2011), no qual uma pessoa ao centro da roda realiza o movimento e todo grupo acompanha. Variações de velocidade e criação de ritmos corporais devem ser incluídas. À medida que todas as pessoas realizam a ação, uma nova etapa acontece, quando novo(a) integrante faz indicação de ritmo e movimentos corporais. O objetivo primeiro do jogo teatral era de promover consciência corpórea e expressividade gestual, mas esta atividade era constantemente adaptada, sendo também utilizada com sopros, sons fricativos, vogais e palavras geralmente utilizadas por marcadores para animar as quadrilhas.

Gestualidades ao caminhar com movimentos expansivos eram exploradas utilizando som vocal, no intuito de fazer o grupo perceber sobre inspiração, expiração, controle de saída do ar, tipo e modo respiratório, respiração como recurso de composição do modo de falar em cena. A repetição de mesmas indicações do início do encontro foi passada pelo ministrante da atividade e ao final da aula, em espaço de compartilhamento das percepções sobre a vivência, os relatos foram unânimes ao reconhecer um gesto mais integrado à palavra; a respiração como apoio para emissão das palavras e frases sem “cansaço na voz”; a região de tórax, abdominal e intercostal mais sensível; uma dilatação de espaço interno que trazia a impressão, comentada por eles, como sendo de um corpo “grande e mais largo”.

Se novas percepções, relacionadas a som e gesto, surgiam a cada momento da aula, causando certo estranhamento sobre o novo lugar do corpo cênico em fase de preparação para os ensaios e festivais de quadrilha junina, houve também a dúvida sobre a constante repetição de exercícios. Um conceito utilizado em minha trajetória em preparação vocal, e que foi repassada aos companheiros de equipe pedagógica do curso, é o da “repetição transformável” e a “transformação repetível”, de Icle (2006). Trazer à luz esses conceitos durante as aulas do curso foi crucial para melhor engajamento do grupo. Marcadores de grande vivência nessa função naturalmente verbalizavam a importância dos ensaios enquanto espaço de

treinamento constante e permitindo assim realizar uma atuação de destaque no dia do grande festival em João Pessoa (PB). Icle (2006) traz o elemento “repetição” como necessário ao trabalho de artista, a fim de internalizar no corpo, durante preparação de espetáculo, características cênicas necessárias à personagem.

De acordo com o autor (Icle, 2006), é possível compreender o corpo em cena como reflexo de um treinamento prévio, no qual repetir nunca é realizar exatamente a mesma ação, pois algo novo surge sempre. É a *repetição transformável*. Também é preciso observar que o resultado disso é uma nova ação no corpo de artista, que pode mostrar em cena o gesto transformado e realizá-lo novamente. É a *transformação repetível*.

Naturalmente, os marcadores já fazem ações pautadas na repetição, pois, geralmente, a quantidade de ensaios em 8-9 meses de preparação para quadrilha é imensa. Trazer as definições de Icle (2006) serviu como um alerta de que eles, em marcação de quadrilha junina, nas suas metodologias intuitivas/empíricas de trabalho, estariam ligados a conceitos de campo teórico já conhecidos das Artes Cênicas.

A carreira de marcador de quadrilha é construída de acordo com a existência do ciclo junino, em determinado período do ano, na qual o modo intuitivo prevalece. A direção artística pode fazer o(a) marcador(a) virar “marcador(a)-personagem”: a pessoa que além de conduzir a quadrilha com suas falas características, o tempo todo se revela como personagem que ajuda a narrar a temática de apresentação escolhida para aquele determinado ano. Numa marcação-personagem, quem conduz a quadrilha tem inserção direta, por exemplo, em cena de abertura e casamento. Repetição é algo intrínseco ao ofício de marcador, tanto quanto de atores, profissionais da dança e performers. Um marcador de quadrilha junina não estar vinculado a um ambiente formal de ensino, não reflete ausência de saberes ou ausência de reflexão sobre a prática artística. Além de ensaiar com toda a quadrilha, um marcador tem consciência da necessidade de encontro em horários extras durante o processo de montagem de cenas com a equipe teatral que também participará da apresentação.

“Retornê”

Após as primeiras experiências no curso, a fase de trabalho com a fonação trazia elementos de experiência da aula anterior e perspectivas sobre os efeitos que essa abordagem traria nos próximos ensaios de marcadores e nas suas respectivas quadrilhas. Fonação basicamente corresponde ao som produzido pela vibração das pregas vocais (Behlau, 2001b). O trato vocal será a estrutura responsável por distribuir esse som em espaços de ressonância internos e assim permitir a projeção sonora (Behlau, 2001b). Entretanto por meio do treinamento da base motora fonação, preconizado por Ortiz (2010), os recursos vocais intensidade e frequência descritos por Gayotto (2002) poderão ser melhor desempenhados em cena.

A autopercepção sobre o quanto de ar inspirado favorece uma emissão de forte intensidade, foi um ponto norteador da escolha de técnicas vocais, jogos teatrais e atividades que surgiram em momento de aula mediante interação do grupo. Além disso, explorar sonoridades de frequência grave, média e aguda também fez parte das atividades do grupo. Os próprios movimentos de liderança que um marcador realiza na apresentação de quadrilha foram utilizados como base de exploração gestual e sonora na aula. Este dia foi crucial para o sucesso do grupo em seus ensaios, que ocorriam durante o final de semana.

A apresentação num grande festival envolve uso de microfones. No entanto, o ambiente é de extrema competição sonora: banda ao vivo, torcida, quadrilha cantando, ruídos externos ao ambiente e marcador vocalizando. É tudo simultâneo, aqui e agora.

Intensidade e frequência são parâmetros passíveis de coleta de informações por meio de unidades de medida (*decibel* e *hertz*, respectivamente). Ao escutar uma voz sem aparelhagem específica para fazer as mensurações, o que temos é a sensação psicoacústica da intensidade e frequência, que são denominadas de *loudness* e *pitch* (Behlau, 2001b). No entanto, embora equivalentes, neste manuscrito, teremos prioridade em descrever os termos objetivos, tendo em vista que a maior parte da literatura especializada das Artes Cênicas os utiliza.

Se no primeiro encontro eles referenciarão, por exemplo, “cansaço vocal”, “falhas na voz”, sensação de “aperto na garganta”, rouquidão - transitória ou persistente - depois de ensaios e apresentações, a abordagem do dia era crucial em permitir usar uma intensidade de voz próxima ao que era necessária no momento da cena em festival. Era preciso finalizar o

encontro direcionando o pensamento de “qual(quais) foram as técnicas que me propiciaram mais conforto vocal após usar a voz em forte intensidade e variando frequência?”. Em diálogo no final do encontro, o grupo foi unânime em se reconhecer capaz de emitir uma voz em forte intensidade, sem sintomas de abuso vocal durante e depois da técnica escolhida na atividade contextualizada. A abordagem teórica de Schafer (2011) a respeito de parâmetros sonoros foi incluída de modo transversal durante a conversa sobre a vivência deles nas atividades do dia. Outra referência teórica foi tratar dos recursos vocais primários, intensidade e frequência, listados por Gayotto (2002).

Segue o passeio na roça!

A semana seguinte trouxe novidades: a aplicabilidade de aquecimento, desaquecimento, hábitos saudáveis para voz e saúde geral estavam sendo referenciados pelos marcadores. Foi percebido que, aos poucos, as conversas eram internalizadas em hábitos do dia a dia - e nos dias de ensaio principalmente. As técnicas que melhor davam efeito na semana anterior ajudavam bastante em dia de ensaio. O modo de se relacionar com a palavra em cena estava sendo reelaborado a partir da consciência sobre modo de emissão que não compromettesse as estruturas do aparelho vocal. Tal condição corrobora com as premissas de Gayotto (2002), ao tratar sobre fatores que influenciam na ação vocal do ator: uma voz cênica realizada sem prejuízos orgânicos a quem realiza, é uma das condições essenciais para efetividade da ação vocal no palco.

No percurso metodológico das bases motoras, iniciado com respiração, e tendovivenciado atividades com base na fonação, o grupo se dedicou ao treino articulatório na fala. Em nova etapa do curso, a ligação entre a abordagem de Ortiz (2010) e Gayotto (2002).

Após breve explanação das estruturas corporais responsáveis pela articulação da palavra, utilizando imagens e explicações sobre as posições que as vogais geram no trato vocal e também as consoantes - diferenças em pontos articulatórios, traços de sonoridade surdo-sonoro - baseadas em (Brandi, 2002), o momento da prática foi iniciado.

Trava-línguas, palavras lançadas de improviso pelos integrantes, palavras que geralmente são lançadas por eles num ensaio de quadrilha e palavras pertencentes a textos que os marcadores utilizaram em suas quadrilhas no ano anterior: todas eram solicitadas com

exagero na articulação e variações de velocidade para que pudessem gerar uma precisão articulatória mais eficiente em futuras apresentações.

Os exageros e variações também foram pontos norteadores para explorar gestualidades, pois considerando a sala como uma arena de festival com quatro lados, cada participante deveria interagir com este fictício espaço de arena e incluir no gesto o que verbalizava. Além da velocidade, outros recursos vocais resultantes (Gayotto, 2002) - a exemplo de cadência, pausa, ênfase e ritmo - surgiram naturalmente.

Com a indicação de atividade semanal e a chegada do grupo com relato sobre a sensação de falar com mais clareza durante a semana - e durante os ensaios -, a abordagem com ressonância, base motora comentada por Ortiz (2010) e recurso vocal primário de Gayotto (2002), teve facilidade de ser compreendida mediante indicações do facilitador do processo.

Se a percepção do modo de emitir a palavra, em sentido articulatório e emotivo, aflorava, agora era necessário experimentar locais no corpo que pudessem ser ocupados por esta palavra. A exploração de focos de ressonância, conforme indicação de Behlau (2001) e Grotowski (1992), gerou ambiente de criatividade sonora com a voz aliada à confiança do marcador, que, independente do local do corpo onde a palavra ressoava, era necessário a precisão articulatória.

A abordagem do curso foi pensada a um corpo de marcador junino que se reconhecesse em sonoridade, palavra e gestualidade na comunicação em cena. O curso permitiu ao ministrante fazer uma experiência de visita aos ensaios, nos quais observações eram realizadas *in loco* sobre o desempenho cênico-vocal do marcador. Após o dia da visita, era entregue um relatório de observação (Anexo 1) sobre impressões que estavam diretamente ligadas a situações positivas e negativas do ensaio, bem como soluções pensadas pelo professor. Tanto o marcador quanto a direção artística recebiam as informações. Estar presente num ensaio, na condição de observador-participante, ajudava a presenciar como a dinâmica vocal do marcador se mostrava mais próxima de um momento de apresentação da quadrilha. Gerava material para debate entre professor e monitores acerca do modo como as técnicas e indicações referidas nos nossos encontros eram incorporadas nas práticas diárias de ensaio pelos participantes. A experiência de observação ajudava a planejar os encontros

seguintes e apontar o que a turma havia conseguido realizar corporalmente em som e gestualidade.

No entanto, as visitas aos ensaios também despertaram em nós pesquisadores o quanto é preciso considerar que fatores ambientais influenciam na saúde vocal dos marcadores, e podem comprometer a transmissão de informações verbais durante a apresentação. As influências ambientais se tornaram preocupantes, pois acústica do ambiente, condições de limpeza deficientes no espaço de ensaio, exposição à poeira - e outros alérgenos -, ventilação precária e falta de material eletrônico com boa qualidade sonora que apoie o marcador em seu trabalho eram fatores problemáticos nos ensaios de quatro agremiações juninas que foram visitadas. Publicações são necessárias para investigar a influência do ambiente na emissão da voz em marcadores de quadrilha junina em João Pessoa e para evitar que, após vários meses de ensaio em espaços inapropriados, fatores presentes nesses locais contribuam para que marcadores cheguem à fase de apresentação, nos festivais, com a saúde vocal já comprometida.

Preparar para o grande baile

Sobre a última fase de estratégias de ensino no curso, apresento o comentário de Rodero (2007) sobre as variações de frequência, intensidade e duração: quando se manifestam simultaneamente, constituem a prosódia. Durante um discurso, conferem à palavra um sentido ao que está sendo dito, incluindo parâmetros como entonação, ênfase, velocidade de fala e a duração dos segmentos vocálicos ou consonantais.

A expressividade de fala acontece pela influência das diversas variações prosódicas geradas pelos parâmetros de intensidade - ou *loudness* -, frequência sonora - ou *pitch* - e duração durante uma conversação, conferindo assim um sentido à palavra falada (Lopes Wanderley; Lima, 2014).

Tais variações tem relação direta com a intenção do discurso. Um exemplo disso seria o uso de uma determinada impressão acústica de frequência na voz, podendo gerar conversas de clima alegre ou triste ao envolver uma fala com sonoridade mais aguda ou grave, respectivamente (Rodero, 2007).

Pensando na ideia de corpo como primeiro palco da cena descrita por Davini (2008), na marcação de quadrilha, a palavra precisa ter uma potência que permita fazer o corpo-palco do marcador estar em destaque e na interação com a quadrilha, com jurados, com a banda que executa a música ao vivo, com a torcida do bairro de onde a quadrilha está sediada, com o público geral que assiste em arquibancadas dispostas em formato de arena, com jornalistas que realizam a cobertura do evento, com integrantes de outras agremiações juninas que estão camuflados no meio do público - muitas vezes como “olheiros” e repassando informações sobre como a apresentação da quadrilha concorrente aconteceu.

O texto utilizado no ano anterior, e frases de texto do marcador que estariam nas apresentações de 2019, foram o ponto de partida para o trabalho de experimentação de gesto associado à palavra em cena. Em seguida, houve diálogo sobre a abordagem de partitura vocal (Gayotto, 2002), momento em que os sinais para registro gráfico das variações prosódicas (e demais recursos vocais resultantes) foram detalhadamente mencionados. Tamanha foi a surpresa do grupo ao perceber que já possuía este conhecimento de forma prática, e instantaneamente exemplos reais surgiram desses marcadores, comentando trechos de falas que utilizaram nas apresentações de anos anteriores. Como preparador vocal, e considerando o encontro como etapa do processo de ensino-aprendizagem em voz, utilizei ao máximo esses saberes práticos que o grupo mobilizava para facilitar a aplicabilidade deste conhecimento teórico recém-apresentado.

Na sequência, cada participante teve o tempo livre de exploração do texto, de anos anteriores ou de 2019, considerando respiração, fonação, articulação, ressonância e prosódia. Os recursos vocais primários e resultantes, naturalmente seriam mobilizados nesse momento. Toda emissão sonora precisaria estar reconhecida no gesto.

Um dos pontos comentados pelo facilitador da atividade era o modelo “recitativo” que se observava nos marcadores em geral, sendo uma quadrilha paraibana ou não. Esse estudo tem o recorte de localidade em João Pessoa, e estimular os participantes em outros modos de manifestação da palavra em cena seria romper um modelo de fala tradicionalmente consolidado nas apresentações de marcadores em quadrilhas juninas da cidade.

Gravação audiovisual foi realizada no início e no final da atividade prática. Antes da gravação final, os marcadores precisavam registrar, em caderno de uso pessoal, a partitura que surgiu após o momento de experimentação. Logo após a segunda gravação realizada, o grupo

fazia desaquecimento vocal e depois o material era apresentado com intuito de gerar percepção sobre os efeitos da atividade.

Um dos marcadores ainda apresentava resistência em fazer a experimentação sonora, por considerar que não poderia alterar o modelo de fala aceito pelo seu diretor artístico de quadrilha em ensaios anteriores. Embora repetidas vezes fosse comentado que neste encontro, como preparador vocal, gostaria de ver o modo como realizavam o exercício. A palavra em cena é mutável e por isso não havia a proposição de sair da aula com um modelo que se repetisse por todos os ensaios e apresentações futuras. Ainda na abordagem teórica do assunto, a explicação era direta ao falar que a partitura não deveria cristalizar a palavra, mas funcionar como um método de registro para aquele dia de aula vivenciado. Este marcador apresentara poucas diferenças de parâmetros sonoros quando comparadas as suas gravações. No entanto, a gestualidade tinha mais precisão ao momento da palavra.

Ainda faltariam dois encontros para finalizar o curso e foi neste viés que seguimos. O sucesso da aula se refletia nos dias seguintes, pois novas formas de organização dos recursos vocais eram constantemente reveladas em sala de ensaio.

A essa época do curso, estávamos com seis participantes na turma. Houve desistência dos demais por questões de dificuldade no transporte, outras atividades remuneradas que surgiram no dia do curso e a demanda de ensaios que aumentou para um deles.

São João, meu São João! Toda alegria no meu coração!⁴

Nos dias 13 e 14 de junho de 2019, os marcadores de quadrilha que participaram do curso tiveram apresentações no festival FUNJOPE de quadrilhas juninas em João Pessoa (PB). Observei o festival como público, um dos monitores estava dançando na Quadrilha Junina Lageiro Seco, caracterizado como a personagem do Lampião, e outros dois monitores do curso (ex-quadrilheiros) estiveram como público no festival FUNJOPE e no festival estadual realizado na cidade de Santa Rita, região metropolitana de João Pessoa (PB), de 17 a 20 de junho de 2019.

⁴ O tópico que abre esta sessão do artigo trata-se de estrofe da música “São João na terra”, uma composição de Rita de Cássia e que faz parte de repertório na maioria das apresentações de quadrilha junina do Nordeste. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m7fk3aVCWjA>.

O festival FUNJOPE representa o início do ciclo junino para marcadores e suas agremiações. A estreia do espetáculo popular - fruto de muitas horas de ensaio -, “o frio na barriga” da primeira apresentação da temporada. Nos meses de maio ocorrem visitas em lançamentos de tema/enredo de quadrilhas concorrentes. A essa época, o clima amistoso se estabelece, pois em junho a competitividade é muito evidente entre elas. Nessas visitas, acontece uma apresentação mais geral. Entretanto, figurinos, texto do marcador, repertório musical, coreografias mais complexas e demais fatores que compõem o elemento surpresa de um espetáculo, somente serão revelados nesse primeiro festival de João Pessoa. Após esses dias, as quadrilhas viajam por cidades de região metropolitana, interior, participam de festival paraibano e também em outros estados do Nordeste. A depender do resultado na estadual, se apresentam também na competição nacional.

Sobre os marcadores, observar sua voz e movimento em cena era relembrar a construção do grupo. Corpos em frequente estado de curiosidade sobre *o que e como* melhorar a performance durante apresentação. Pessoas que, após a apresentação, agradeciam a oportunidade de um espaço que contribuiu em sua formação artística, a apresentação realizada com êxito, por ter o curso como um dos elementos que ajudaram em seu desempenho.

A marcação da quadrilha é avaliada por jurados. Dois integrantes que finalizaram o curso foram avaliados com nota máxima e outros dois com nota acima de 9,0 (nove). Um dos marcadores, que tinha participação ativa quando acompanhava as aulas, mas não seguiu todo o processo de preparação - saiu por demandas pessoais -, também recebeu nota máxima e foi premiado como melhor marcador em reconhecidos festivais de cidades do interior da Paraíba. Além disso, a partir de seu desempenho como marcador, foi convidado para fazer *voz off* de vídeo institucional sobre o festival paraibano realizado em Santa Rita.



Figura 4: Apresentação da quadrilha junina Xamego Arretado, no Festival de Quadrilhas Juninas de João Pessoa - FUNJOPE/2019. À direita, o casal de noivos e, à esquerda, o marcador Joseilson de Souza, conhecido no Nordeste em marcador Pequeno (Imagem de arquivo pessoal do autor).



Figura 5: Apresentação da quadrilha junina Lageiro Seco, no Festival de Quadrilhas Juninas de João Pessoa - FUNJOPE/2019. Em destaque, o marcador Webson Nosebaw, na condição de marcador-personagem (Imagem de arquivo pessoal do autor).



Figura 6: Apresentação da quadrilha junina Flor do Mandacaru, no Festival de Quadrilhas Juninas de João Pessoa - FUNJOPE/2019. À direita, o marcador Ricardo Félix (Imagem de arquivo pessoal do autor).

Faz teu pedido a São João, entrega teu coração⁵

De um desejo pessoal, do valor simbólico que a quadrilha junina teve em nossas infâncias e trajetórias de vida, do desejo de aplicar conhecimento acadêmico aos artistas de cultura popular - especificamente do ciclo junino -, este curso se concretizou em 2019.

Pensar na festividade junina é pensar afeto e observar um trabalho artístico resultante de uma coletividade empenhada em fazer o melhor espetáculo para si mesma e para cultura paraibana. Visitar ensaios e receber das pessoas envolvidas falas de gratidão por, pela primeira vez, as quadrilhas juninas serem contempladas com uma ação da universidade, enquanto traz a beleza da criação do vínculo, também nos faz perguntar sobre o quanto nós (universidade) ainda estamos em dívida com o movimento junino na Paraíba. Planejamento de novas atividades formativas, eventos científicos, maior inserção de acadêmicos aprendendo com a comunidade e modos de atuação nas áreas administrativa e artística da quadrilha podem ser algumas das muitas alternativas de aproximação.

⁵ O tópico que abre esta sessão do artigo trata-se de estrofe da música “Festa do Balão”, uma composição de Ferreira Filho.

A surpresa da equipe em ter uma demanda de público interessado em 2019 estimulou a criação do 2º curso em 2020, que só realizou o primeiro encontro, devido à pandemia da COVID-19 e à interrupção das atividades presenciais, incluindo os festejos juninos presenciais no nordeste.

Ao fim das atividades em 2019, percebemos a necessidade de mais ações voltadas ao movimento junino da Paraíba em diversas áreas artísticas. O acesso a novas informações vindas do ambiente universitário trouxe ao marcador uma oportunidade de ampliação do saber, inicialmente construído na prática, enquanto, na universidade, estudantes de Artes Cênicas geralmente iniciam ações artísticas após vivências teóricas.

Também reconhecemos o espaço do curso enquanto momento no qual a categoria profissional “marcador de quadrilha junina” teve oportunidade de trocar informações sobre experiências pessoais; de refletir sobre fatores que influenciam na sua dinâmica de trabalho - por exemplo, o espaço onde se realiza ensaios e aparelhagem sonora oferecida ao marcador -; se pode ter acesso a um conhecimento teórico que veio complementar saberes que há tempos foram adquiridos na prática; se teve a chance de experimentar práticas que levariam a novos modos de performance artística, utilizando som e movimento. Acima de tudo, os encontros mobilizaram ótimas lembranças de paixão pelas festas juninas.

Referências

- ALEIXO, Fernando. *Corporeidade da voz: voz do ator*. Campinas: Editora Komed, 2007.
- BEHLAU, Mara. Técnicas Vocais. In: Fernandes, F.; Mendes, B.; Navas, A.L. (org.). *Tratado de Fonoaudiologia*. 2ed. São Paulo: Roca, 2010, pp. 715-33.
- BEHLAU, Mara. *Voz: o livro do especialista*. v. 1. Rio de Janeiro: Revinter, 2001b.
- BEHLAU, Mara; PONTES, Paulo. *Higiene vocal: cuidando da voz*. São Paulo: Revinter, 2001a.
- BEUTTENMÜLLER, Maria da Glória. *O despertar da comunicação vocal*. Rio de Janeiro: Enelivros, 1995.
- BOAL, Augusto. *Jogos para atores e não-atores*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

BRANDI, Edmeé. Educação da voz falada: a terapêutica da conduta vocal. 4ª ed. São Paulo: Atheneu, 2002.

Comitê de voz da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia (SBFa). Respostas para perguntas frequentes na área de voz profissional. Disponível em: https://www.sbf.org.br/portal2017/themes/2017/faqs/faq_voz_profissional.pdf. Acesso em 19 de abril de 2019.

DAVINI, Sílvia Adriana. Voz e Palavra - Música e Ato. In: MATOS, Cláudia Neiva de; TRAVASSOS, Elizabeth; MEDEIROS, Fernanda Teixeira de. **Palavra cantada: ensaios sobre poesia, música e voz**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. p 307-315.

FANTINI, Leila de Abreu. **O bem estar vocal na formação de professores**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2010. Mestrado em Fonoaudiologia. 60f.

G1 PARÁ. Fumbel promove curso para marcador de quadrilha em Belém. Disponível em: <http://glo.bo/1zPVARE>. Acesso em 05 de setembro de 2020.

GAYOTTO, Lúcia Helena. **Voz: Partitura da Ação**. 3a. ed. São Paulo: Plexus, 2002.

GROTOWSKI, Jerzy. **Em Busca do Teatro Pobre**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

ICLE, Gilberto. **O ator como xamã**. (1ª ed.). São Paulo: Perspectiva. (2006).

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

LOPES WANDERLEY, Leonardo; LIMA, Ivonaldo Leidson Barbosa. **Prosódia e transtornos da linguagem: levantamento das publicações em periódicos indexados entre 1979 e 2009**. Rev. CEFAC. 2014;16(2): 651-659.

MARTINS, Janaína Träsel. **Os princípios da ressonância vocal na ludicidade dos jogos de corpo-voz para a formação do ator**. 2008. 198f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

MARTINS, Rose Mary de Abreu. **A voz e a palavra na cena do Recife hoje**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2004.

MIRANDA, Izabel C.C.; LADEIRA, Adriana C.; GOUVÊIA, Vivian L.; COSTA, Viviane R. **Auto análise vocal de alunos do curso de Teatro**. Revista Distúrbios da Comunicação. v. 24, n. 3, pp. 369-378, 2012

ORTIZ, Karin Zazo. Avaliação das Disartrias. In: ORTIZ, Karin Zazo (org.). **Distúrbios neurológicos adquiridos: fala e deglutição**. 2ª ed. Barueri: Manole, 2010, pp. 73-96.

PINHO, Sílvia Maria Rebelo. **Fundamentos em Fonoaudiologia: tratando os distúrbios da voz**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998a.

PINHO, Sílvia Maria Rebelo. *Manual de higiene vocal para profissionais da voz*. Carapicuíba: Pró-fono, 1998b.

RAMOS, Bruna. *Saiba de onde vem a quadrilha, dança típica das festas juninas*. Portal Empresa Brasil de Comunicação (EBC) - Memória EBC. 2013. Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/cultura/2013/06/saiba-de-onde-vem-a-quadrilha-danca-tipica-das-festas-juninas>. Acesso em 12 de setembro de 2020.

RODERO, Emma. *Intonation e emotion: influence of pitch levels and contour type on creating emotions*. *Journal of Voice*. v. 25, n. 1: e25-e34, 2007.

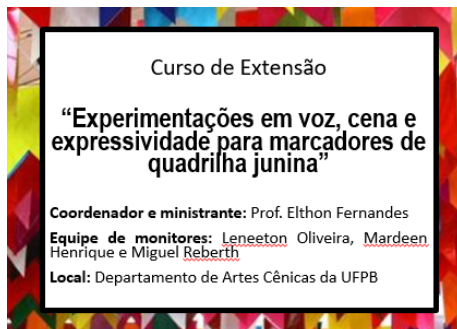
SANTOS, Adailson Costa dos. *Performance e quadrilha junina: uma relação entre Richard Schechner e Quadrilhas juninas da Paraíba*. *Iaçá- Artes da Cena*. v. 1, n. 1, pp. 67-82, 2018.

SCHAFER, M. *O ouvido Pensante*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011. 408p.

SILVA, Elthon Gomes Fernandes da; COSTA, Maria Lúcia Gurgel da; FERREIRA, Léslie Piccolotto. *Jogos teatrais para comunicação oral de pessoas com doença de Parkinson: proposta de intervenção fonoaudiológica*. *Distúrbios da Comunicação*. v. 28, n. 3, pp. 548-567, 2016.

SPOLIN, Viola. *Jogos teatrais na sala de aula: um manual para o professor*. Tradução de Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2007. 321 p.

Anexo 1 - Relatório de observação sobre ensaio de quadrilha junina



MARCADOR DA QUADRILHA XAMEGO ARRETADO (Visita ao ensaio no dia 27-04-2019)

OBSERVAÇÕES: Ensaio com microfone, som um pouco abafado, teto do espaço de ensaio é baixo, facilitando o retorno de voz e amenizando o eco. É dia de ensaio com a banda.

Atenção para que a dicção das palavras seja melhor, porque há certa dificuldade para entender palavras com R vibrante, L, LH. Os finais de frase, inclusive, precisam melhorar (isso pode ser por respiração que não sustenta até o final da frase ou mesmo por questões de articulação da palavra). As distorções na articulação dos sons estão saindo muito no microfone. Há também momento de esforço vocal, voz concentrada na garganta.

Percebo dois momentos de fala. O início tá seguindo a proposta do diretor artístico, algo mais calmo e ao mesmo tempo o tom de protesto (que está precisando melhorar). Na

sequência, vem o termo “posso falar?” e inicia outra característica de fala. Antes era personagem, depois vira o narrador.

O momento que inicia a fala do marcador estava muito em cima da parte verbalizada da música. Também observei que precisa olhar mais para os integrantes da quadrilha... olhar e trazer sorriso para o grupo.

É preciso Pequeno estar com o “corpo da cena”, mesmo sem estar de frente aos jurados. Na espera para entrar em cena, a concentração e corpo da personagem precisa estar presente.

Já possui uma boa característica de lançar termos que indicam a música que vem a seguir. Sobre a relação entre músicos e marcador, há um “jogo” entre eles que é interessante ser explorado.

AS SOLUÇÕES envolvem estudar muito as músicas da quadrilha para ver cada parte que sobra da música e assim encaixar a fala do marcador de jeito certo, com pouca sobreposição na música.

O olhar para a quadrilha é importante, para manter a conexão. Também esse olhar pode ser corporal... com movimentos que indicam que tá puxando a quadrilha consigo. O sorriso também é importante. A felicidade em estar ali, em contato com as pessoas, pode ser o grande norteador quando Pequeno assume o posto de marcador.

De acordo com as indicações feitas pelo diretor artístico, continuar explorando essa parte corporal da personagem e ver como a respiração e recursos da voz ao dizer o texto se manifestam na cena.

Deve-se realizar o treino de aquecimento vocal todos os dias para que ocorra melhora na resistência vocal. Também realizar aquecimento e desaquecimento vocal em dias de ensaio e apresentações. E sempre estar consciente da respiração e do local onde a voz ressoa na cabeça, para não gerar tensões no pescoço e dar a sensação da voz rasgando a garganta.

***Anotações do autor do texto**

Área de voz do Departamento de Artes Cênicas da UFPB



Artigo recebido em 28/09/2020 e aprovado em 13/11/2020.

DOI: <https://doi.org/10.26512/vozcen.vli02.34381>

Para submeter um manuscrito, acesse <https://periodicos.unb.br/index.php/vozecena/>

ⁱ Elthon Gomes Fernandes da Silva - Doutor em Fonoaudiologia (PUC - SP). Preparador vocal, ator, produtor cultural, é professor adjunto da área de Voz Falada e Cantada para o Teatro no Departamento de Artes Cênicas (UFPB). Criador e líder do grupo de pesquisa Brega, Festas Populares e Comunidade, reconhecido pelo CNPq e UFPB, fundado em 2019. elthonfernandes@yahoo.com.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0018858945659727>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4495-3279>

ⁱⁱ Leneeton de Oliveira Silva - discente do curso de Bacharelado em Teatro da UFPB. Ator, arte educador, diretor, pesquisador, dançarino, coreógrafo, quadrilheiro, performer e brincante popular. Desenvolve pesquisas com enfoque no hibridismo artístico que surge com a integração do teatro, da dança e da música. leneeton.hollywher@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5062704430785302>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7160-5758>

ⁱⁱⁱ Mardeen Henrique de Souza Dantas - graduado em Licenciatura em Teatro pela UFPB. Cursa Bacharelado em Teatro pela UFPB e pós-graduação em Arteterapia pela Faculdade Dom Alberto (PB). Ator, dançarino, quadrilheiro, produtor e diretor teatral, também atua como professor efetivo da rede estadual de ensino do estado da Paraíba, ministrando a disciplina de Arte no ensino médio/técnico. mardeenh@hotmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3159656325977242>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7512-1120>

^{iv} Miguel dos Santos Ferreira - graduado em Licenciatura em Teatro pela UFPB, professor de Artes/Teatro na educação básica, ator com vasta experiência e produção no Teatro de Rua, coordenador da Cia de Teatro Soluar e quadrilheiro na cidade de João Pessoa. miguelreberth22@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3546765699728212>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1847-2677>

^v This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

